

ECOPEDAGOGIA, PENSAMENTO COMPLEXO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA PÓS-MODERNIDADE

ECOPEDAGOGY, COMPLEX THINKING AND PEDAGOGICAL PRACTICES IN POSTMODERNITY

ECOPEDAGOGÍA, PENSAMIENTO COMPLEJO Y PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS EN LA POSMODERNIDAD

Gilson Xavier Azevedo¹

Gercimar Martins Cabral Costa²

RESUMO

O objetivo deste ensaio é relatar os resultados iniciais da pesquisa em relação às demandas da sustentabilidade e da nova consciência planetária que tornam urgente a adoção de práticas ecopedagógicas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa com observação e aprofundamentos em debates públicos que vêm ocorrendo desde 2013 entre acadêmicas do curso de pedagogia da UEG, UnU Quirinópolis, GO. A problemática situa-se nas transformações educacionais vigentes em detrimento da necessidade de se construir tal tratativa. A hipótese mais provável é a de que vários setores da educação, dentre eles as práticas pedagógicas atuais utilizadas na educação infantil e no ensino fundamental estejam desalicerçadas de tal contexto. Os resultados até aqui obtidos são os da compreensão dos universos da ecopedagogia e da sustentabilidade na educação que tem sido nossa base de propor dentro do referido curso, práticas redimensionadas.

Palavras-chave: Educação; Ecopedagogia; Práticas pedagógicas; Sustentabilidade.

ABSTRACT

The objective of this essay is to report the initial results of the research in relation to the demands of sustainability and the new planetary awareness that make the adoption of ecopedagogical practices urgent. This is a qualitative bibliographical research with observation and deepening in public debates that have been taking place since 2013 among academics of the pedagogy course at UEG, UnU Quirinópolis, GO. The problem lies in the current educational transformations to the detriment of the need to build such a deal. The most likely hypothesis is that several sectors of education, among them, the current pedagogical practices used in early childhood education and elementary education are unfounded in this context. The results obtained so far are those of understanding the worlds of ecopedagogy and sustainability in education, which has been our basis for proposing re-dimensioned practices within the said course.

Keywords: Education; Ecopedagogy; Pedagogical practices; Sustainability.

RESUMEN

El propósito de este ensayo es relatar los resultados iniciales de la investigación en relación a las exigencias de la sustentabilidad y la nueva conciencia planetaria que hacen urgente la adopción de prácticas ecopedagógicas. Se

¹ Doutor em Educação pela PUC Minas. Mestre e Doutor em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Filósofo, Teólogo e Pedagogo. E-mail: gilsoneduc@yahoo.com.br

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestrando em Sociedade e Ambiente. Bacharel em Administração. Graduando em Pedagogia. Pós-graduando em Docência e Inovação da Educação Básica. E-mail: gercimarmartins@gmail.com

trata de una investigación bibliográfica cualitativa con observación y profundización en debates públicos que vienen ocurriendo desde 2013 entre académicos de la carrera de pedagogía de la UEG, UnU Quirinópolis, GO. El problema radica en las transformaciones educativas actuales en detrimento de la necesidad de construir tal trato. La hipótesis más probable es que varios sectores de la educación, entre ellos, las prácticas pedagógicas actuales que se utilizan en la educación infantil y primaria, carecen de fundamento en este contexto. Los resultados obtenidos hasta el momento son los de comprender los mundos de la ecopedagogía y la sustentabilidad en la educación, lo que ha sido nuestra base para proponer prácticas redimensionadas dentro de dicho curso.

Palabras clave: Educación; Ecopedagogía; Prácticas pedagógicas; Sostenibilidad.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo central desta pesquisa é demonstrar que educar para a cidadania planetária é hoje uma necessidade urgente em todos os segmentos sociais. Trata-se de um novo cenário que emergiu das grandes reuniões mundiais e protocolos de redução de emissão de gases tóxicos na atmosfera.

A concepção de que nossa vida no planeta deve ser encarada como uma simbiose, encontra seus mais recentes desdobramentos na necessidade de uma educação empreendedora, que vise ampliar a qualidade ética da formação escolar que, por sua vez, tem sua teleologia na ecopedagogia.

Urge uma ecopedagogia e uma ecoformação que conscientizem e potencializem ações de melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, mas que, ao mesmo tempo, sejam ações sustentáveis, que não visem apenas conforto e comodidade passageiros, mas uma consciência planetária.

Para tanto, pensar nas práticas ecopedagógicas como uma forma de contribuição da educação para se alcançar tal feito é ampliar os horizontes de todos os segmentos que compõem a estrutura ou ordem assim denominada.

2 JUSTIFICATIVA

Desde 1999, por ocasião do I Encontro Internacional da Carta da Terra na Perspectiva da Educação, pedagogos e filósofos da educação têm se mostrado fiéis ao comprometimento de se pensar uma Carta da Ecopedagogia: em defesa de uma Pedagogia da Terra.

Na obra *O campesinato no século XXI* (2004), notamos como é urgente uma pedagogia das minorias, que lhes possibilite a expansão de seus horizontes e de sua condição de vida.

Nessa trajetória, a ecopedagogia tem contribuído cada vez mais com a educação para a cidadania planetária. A sobrevivência do planeta Terra, nossa morada, depende da consciência socioambiental e a formação da consciência depende da educação. A noção de cidadania planetária sustentasse na visão unificadora do planeta e de uma sociedade mundial. Ela se manifesta em diferentes expressões: “nossa humanidade comum”, “nosso futuro comum”, “nossa pátria comum”. Cidadania planetária é uma expressão adotada para expressar um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos que demonstra uma nova percepção da Terra (GADOTTI, 2000, p. 2).

A busca por uma cidadania planetária, conforme o citado, começa, todavia, em 1992 com o encontro global no Rio e depois foram criados 45 Comitês Nacionais da Carta da Terra, que, por meio da Internet, deram continuidade à Comissão de Redação coordenada pelo teólogo norte-americano Steven Rockefeller, refletindo a influência de grandes tradições filosóficas e uma grande variedade de intelectuais e movimentos sociais.

Acredita-se, portanto, que, com presenças renomadas como a do educador Paulo Freire (1921-1997) e do teólogo Leonardo Boff, a Carta da Terra tem um grande potencial educativo, ainda não suficientemente explorado pelas escolas.

De acordo com Gadotti (2010, p. 19):

A Carta da Terra é o equivalente à Declaração Universal dos Direitos Humanos, apropriada para os tempos atuais, constituindo-se num documento baseado na afirmação de princípios éticos e valores fundamentais que norteiam pessoas, nações, Estados, raças e culturas no que se refere à sustentabilidade.

Nesse sentido, a Carta tem validade universal e deve ser conhecida e adotada transversalmente pelas escolas, tornar-se conhecida nos meios de discussão acadêmica e ampliar nossos horizontes educativos para os seguintes pontos:

1. O planeta como uma única comunidade.
2. A Terra como mãe, organismo vivo e em evolução.
3. Uma nova consciência que sabe o que é sustentável, apropriado, o que faz sentido para a nossa existência.
4. A ternura para com essa casa, nosso endereço comum, a Terra.
5. A justiça sócio-cósmica: a Terra, como organismo vivo, é também um oprimido.
6. Uma pedagogia que promova a vida: envolver-se, comunicar-se, compartilhar, problematizar, relacionar-se.
7. O conhecimento só é integral quando é compartilhado.
8. Caminhar coerente e com sentido na vida cotidiana.
9. Uma racionalidade intuitiva e comunicativa, afetiva, não instrumental.
10. Novas atitudes: reeducar o olhar, o coração.
11. Cultura da sustentabilidade: ampliar nosso ponto de vista.

Enquanto comunidade que somos, diz a carta, devemos iniciar uma programação internacional de preservação da terra enquanto viva e nossa, e adotarmos em relação a ela medidas sustentáveis de modo que sejam eliminadas as disparidades e os pecados sociais que separam ricos e pobres, além de toda forma etnocêntrica que segrega e afasta pessoas e que

são as causas dos males do mundo, dado que indivíduos socialmente explorados tendem a se vender, vender sua força de trabalho em atividades não éticas, nem pautadas na sustentabilidade.

Feitas estas conjecturas, não só o estudo que venho propondo por meio de debates no meio universitário em que atuo, bem como as prerrogativas que tal estudo inicia nos campos de fomento ao trabalho pedagógico e suas práticas enquanto elementos de transformação social, são, em essência, a justificativa mais tenaz desta comunicação, na qual, apesar de resultados teóricos somente, pode-se perceber forte apelo ao comprometimento dos ouvintes a conhecer mais de perto essas novas tendências da educação e teorias da educação atual.

3 METODOLOGIA

Pensar as práticas educacionais no contexto atual é pensar, inicialmente, no que vem sendo proposto a partir das determinações da UNESCO, em 1998, em relação ao que fora estruturado por Jacques Delors sobre o desenvolvimento das habilidades e competências entre os estudantes de níveis diferentes de ensino.

Se inicialmente é proposto que os alunos de Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem *aprender a ser*, isso pressupõe que devem, portanto, ter condições favoráveis no processo de ensino-aprendizagem de desenvolver competências e habilidades pessoais. Nas palavras do educador Paulo Freire, não existe ensino sem aprendizagem. Para ele e para vários educadores contemporâneos, educar alguém é um processo dialógico, um intercâmbio constante. Nessa relação, educador e educando trocam de papéis o tempo inteiro: o educando aprende ao passo que ensina seu educador e o educador ensina e aprende com seu estudante (<http://educacaointegral.org.br/glossario/ensino-aprendizagem>).

O *aprender a ser* proposto por Delors pressupõe uma Paidéia, uma formação do homem total, sua mente, corpo, sensibilidade, senso estético, responsabilidade e senso ético.

Conforme o documento da Unesco:

O desenvolvimento tem por objeto a realização completa do homem, em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: Indivíduo, membro de uma família e de coletividade, cidadão e produtos, inventos de técnicas e criador de sonhos (DELORS,1996, p. 110).

Nesse caso, a educação deve ser proposta não apenas pelas escolas, mas pela família, pela sociedade, pelas políticas pública e, em resumo, só é verdadeiramente educada uma criança que vive em uma sociedade educadora.

O *aprender a ser* é uma via essencial para a integração dos demais pilares da educação, de modo que tanto as Instituições de Ensino, quanto os Educadores precisam investir em propostas que abordem as aprendizagens dos seus alunos, que sejam de fato globais, de maneira a não negligenciar as potencialidades de cada aluno. “Trata-se, frequentemente, mais de uma qualificação social do que de uma qualificação profissional” (DELORS, 1996, p. 96).

Para Gadotti (2000):

Desenvolvimento integral da pessoa: inteligência, sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa. Para isso não se deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo. A aprendizagem não pode ser apenas lógico-matemática e linguística. Precisa ser integral.

Ao pensar as práticas pedagógicas dentro dessa perspectiva, pressupõe-se levar o aluno a fazer, descobrir por si só indicando caminhos, desafiar o aluno, criar com o aluno o belo, incorporar posturas éticas por meio do respeito, da ajuda mútua, estimular a postura crítica consciente por meio dos debates e leituras de mundo atuais.

Outra proposta de Delors (1996) é *aprender a conviver*, tal capacidade é internalizada pelos alunos em atividades que explorem as competências e habilidades relacionais.

Novamente para Gadotti (2000):

Compreender o outro, desenvolver a percepção da interdependência, da não-violência, administrar conflitos. Descobrir o outro, participar em projetos comuns. Ter prazer no esforço comum. Participar de projetos de cooperação. Essa é a tendência. No Brasil, como exemplo desta tendência, pode-se citar a inclusão de temas/eixos transversais (ética, ecologia, cidadania, saúde, diversidade cultural) nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que exigem equipes interdisciplinares e trabalho em projetos comuns.

Na era das novas tecnologias da informação, estamos mais conectados, mais comunicativos, mais independentes, resta abrir o debate no rumo da comunicação existencial que é proposto aqui como uma comunicação verdadeira e de verdades existenciais criadoras. Nossa comunicação deve nos levar e levar nossos alunos ao que vou chamar de ética 3.0³, ou

³ Segundo Molina C. (2012), trata-se de uma ética de novo tipo, que é instalada na corresponsabilidade, o que foi nomeada como terceira ética ou ética 3,0.

seja, uma ética que gere nas pessoas o desejo de fazer o bem, de melhorar o mundo, de cultivar relações profundas e inovadoras.

As novas tecnologias fizeram a humanidade entrar na era da comunicação universal; abolindo as distâncias, concorrem muitíssimo para moldar a sociedade do futuro, que não corresponderá, por isso mesmo, a nenhum modelo do passado. As informações mais rigorosas e mais atualizadas podem ser postas ao dispor de quem quer que seja, em qualquer parte do mundo, muitas vezes, em tempo real, e atingem as regiões mais recônditas (DELORS, 1996, p. 39).

Poderia ainda discorrer sobre o que Delors propõe sobre *aprender a conhecer* (competências e habilidades cognitivas) e *aprender a fazer* (competências e habilidades produtivas), mas penso que o que fora trabalhado já necessariamente nos conduzirá a estes outros dois pilares.

Santos (2010, p. 1) nos indica que:

A educação empreendedora, destinada a dotar o educando de graus crescentes de liberdade para fazer suas escolhas e a contribuir para o fortalecimento de seu projeto de vida, elege como tema central a preparação do jovem para participar ativamente da construção do desenvolvimento social. Além disso, busca desenvolver habilidades e competências nos jovens que colaborem para o fortalecimento da autonomia, do projeto de vida e da liberdade de decidir sobre o próprio destino.

Nesse caso, chamo de educação empreendedora, neste primeiro tópico da pesquisa, uma educação para o conhecer e para o fazer. Primeiro para o conhecer, dado que, na era da informação, só conhece realmente quem está pronto para conhecer, seja geração x, y, z, alpha ou as que virão, a necessidade de se construir uma educação que ensine com urgência o real significado de informação e conhecimento é o que, de fato, trará o diferencial para saber reconhecer as informações que são válidas e as que não são.

Agora sim, trazendo a educação empreendedora para o contexto da abordagem de Delors, Gadotti (2000) ressalta que se deve formar o real “prazer de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento, curiosidade, autonomia, atenção. Inútil tentar conhecer tudo”.

Para Gadotti (2000), *aprender a conhecer* é, segundo o autor, mais do que *aprender a aprender*. Trata-se de investir em linguagens e metodologias mais do que em conteúdo. Não basta, no entanto, aprender a conhecer, pois é preciso aprender a pensar, a pensar a realidade e não apenas ter pensamentos, mas pensar com foco, com metas, com projeto, com decisão e chegar a resultados, ganhos, sucessos e realizações pessoais, sociais, comunitárias, pensar em soluções.

Além de ser considerada uma saída para o desenvolvimento social, econômico e comunitário, a educação empreendedora busca despertar os valores empreendedores em crianças, jovens e adultos como forma de promover o desenvolvimento e reduzir a exclusão social e é, talvez, uma das mais significativas conquistas desse campo está centrada na preparação juvenil para participar ativamente da construção do desenvolvimento social (SANTOS, 2010, p. 1).

Santos (2010) ainda aponta que esses resultados são alcançados por meio de trabalhos e práticas que compreendam a história de vida de cada aluno, sua orientação para o trabalho profissional, a visão futurista de si, do outro e da sociedade e a construção bem alicerçada de um projeto de vida.

Ao finalizar este tópico, resta entender por que uma educação empreendedora? Diante do exposto, para que o aluno consiga, ainda na escola, ultrapassar seus muros simbólicos e ir em direção às transformações sociais e existenciais necessárias, a primeira responsabilidade de tal promoção no meio escolar é a dos professores.

4 DISCUSSÃO TEÓRICA

Nos textos de estudos para compor este artigo, nota-se que a maioria deles trabalha a prática pedagógica na formação de professores sob o viés da criatividade. Não que isso seja considerado um erro, ao contrário, o que desperta interesse do aprendiz de professor são justamente as práticas pedagógicas criativas, mas existe algo mais.

Para Silva (2002), é uma abordagem educacional que procura integrar a dimensão ambiental nas diferentes áreas do conhecimento e nas relações sociais, buscando a formação de indivíduos conscientes e comprometidos com a preservação do meio ambiente e com a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

Ao se pensar em práticas pedagógicas no processo de formação de professores, o primeiro ponto que parece importante é a base teórica dessa formação. Se é difícil construir a ideia de um fazer e um saber pedagógico, quanto mais difícil será despertar no futuro pedagogo ou no professor de Educação Infantil a consciência desse fazer.

É possível compreender que a ecopedagogia é uma área de estudo que se concentra na relação entre educação e meio ambiente. Segundo Gomes (2021, p. 23), é “um processo contínuo de aprendizagem que permite o desenvolvimento de uma conscientização crítica em relação ao meio ambiente”, e tem como objetivo integrar conceitos ambientais à prática pedagógica. Isso permite que os indivíduos desenvolvam uma consciência crítica sobre questões ambientais e ajam de maneira mais responsável em relação ao meio ambiente, sendo

possível “promover o desenvolvimento de comportamentos e atitudes responsáveis em relação ao meio ambiente, além de contribuir para a preservação do planeta” (MARTINS, 2020, p. 56).

A ecopedagogia é uma prática educativa que procura integrar a dimensão ambiental nas diferentes áreas do conhecimento e nas relações sociais, buscando a formação de indivíduos conscientes e comprometidos com a preservação do meio ambiente. (LEFF, 2002).

A inclusão da ecopedagogia nas práticas pedagógicas é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade mais consciente e responsável em relação ao meio ambiente. A educação ambiental é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre questões ambientais e para a formação de valores e atitudes positivas em relação ao meio ambiente. Além disso, a ecopedagogia também fornece uma base teórica para a compreensão das interações entre seres humanos e meio ambiente, bem como as consequências sociais e ambientais de nossas ações.

Segundo Silva (2020, p. 23), “a ecopedagogia é uma abordagem pedagógica centrada no desenvolvimento de valores e comportamentos ambientalmente responsáveis”. E pode centrar no objetivo de promover a conscientização e o comportamento dos indivíduos em relação ao meio ambiente no qual estão inseridos (SOUZA, 2020).

A ecopedagogia também pode ser aplicada de forma prática nas escolas e na educação formal, permitindo que os estudantes desenvolvam habilidades e competências relacionadas à conservação e gestão ambiental. Através da ecopedagogia, é possível promover a educação para o desenvolvimento sustentável, que inclui conceitos sobre uso racional dos recursos naturais e a preservação do meio ambiente para as gerações futuras.

Essa é uma ferramenta que prima pelo desenvolvimento de uma sociedade capaz de tornar-se mais consciente e comprometida com o ato de preservar o meio ambiente (RODRIGUES, 2021).

A ecopedagogia visa tornar as pessoas mais conscientes sobre a importância do meio ambiente e sobre a sua responsabilidade para com a preservação dos recursos naturais e da biodiversidade (LIMA, 2010). Nessa seara, Nóvoa (1992) salienta que é uma abordagem interdisciplinar que busca unir a educação ambiental com a educação formal, para formar indivíduos críticos e conscientes sobre os desafios ambientais e as soluções para a preservação do meio ambiente.

Torna-se, desse modo, uma prática educativa que busca desenvolver a consciência ambiental, a sensibilidade e a compreensão dos desafios ambientais, para contribuir para a

formação de cidadãos comprometidos com a preservação do meio ambiente (SANTOS, 1995).

Em resumo, a ecopedagogia é uma área fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade mais consciente e responsável em relação ao meio ambiente. A inclusão da ecopedagogia nas práticas pedagógicas é uma forma de garantir que as futuras gerações tenham acesso a informações relevantes sobre questões ambientais e possam agir de maneira consciente e responsável em relação ao meio ambiente.

Saber por que se está aplicando esta ou aquela atividade, entender a lógica estrutural dos PCN de cada fase educacional, o que em geral é atribuição do coordenador que, em tese, vivenciou tais processos de ensino-aprendizagem é, em muitos casos, algo distante da realidade educacional que temos hoje.

Aliada a isso, a formação de professores pressupõe, em seu conjunto, disponibilidade de tempo, bagagem cultural, disposição à leitura, produção acadêmica, comunicações em eventos, participação em debates, iniciação científica, publicação de artigos que, por sua vez, pressupõe ensino com pesquisa e uma série de demandas que são objeto de inúmeros resultados de pesquisas por todo o Brasil.

Além desses itens, existe ainda a dimensão humanística dessa formação que Gadotti (2000) faz questão de ressaltar quando indica que o jovem professor deve trabalhar na formação da cidadania, na consciência da planetaridade, da sustentabilidade, virtualidade, globalização, transdisciplinaridade, dialogicidade e dialeticidade. Para o autor citado, "A análise dessas categorias e a identificação da sua presença na pedagogia contemporânea podem constituir-se, sem dúvida, num grande programa a ser desenvolvido hoje em torno das 'perspectivas atuais da educação'".

Outro fator a ser colocado aqui como essencial é o da utopia no processo de formação e depois no processo educacional de construção da aprendizagem. Tão ou mais importante que saber o que se está fazendo e o porquê é o acreditar no que se está fazendo como algo realmente transformador de vidas. Para Paulo Freire, a utopia é o já e o ainda não na constituição dialética educativa do presente, movido pela esperança contínua depositada na educação (FREIRE, 2007).

Nesse conjunto, pensar a formação de professores é sim pensar a criatividade, mas não apenas pensá-la do ponto de vista do novidatismo pedagógico clichê, pois nem sempre uma aula de formação tem que ser cantada, musicada, com vídeo, dinâmica, produção textual, artística, com jogos, com debate, para ser considerada uma boa aula. A consciência crítica do processo, em qualquer fase do ensino-aprendizagem, torna o estudante um indivíduo crítico e

consciente do próprio processo formativo; ele é o produtor de si nesse processo, o responsável, o sujeito de si; ele depende do professor, da formação, do curso, da faculdade sim, mas como coautores de sua formação, pois ele sabe que é ele quem faz sua formação.

Uma consciência assim é mais que consciência, é uma ecoconsciência, conforme se pretende tratar a seguir.

5 RESULTADOS

Conforme já se discorreu, as práticas ecopedagógicas têm como marca o sentimento de planetaridade, de pertença ao mundo enquanto parte dele e ele enquanto parte de nós, o que amplia sensivelmente o aspecto da responsabilidade social sustentável de nossa prática cotidiana. Desse modo, temos assistido, nos últimos trinta anos, à formação de uma cultura da sustentabilidade enquanto cultura da planetaridade, assim definida por Gadotti (2005, p. 24) como: "uma cultura que parte do princípio de que a Terra é constituída por humanos que são considerados cidadãos de uma única nação".

Nesse fim, pensa-se em uma educação que forme no indivíduo tais princípios e que seja centro de tal cultura. A sala de aula nesse contexto é a incubadora primeira dessas práticas. Isso acontece de forma simples e cotidiana, na limpeza da sala, no uso do prédio, em geral público, mas não só; no uso dos bens públicos; no respeito aos colegas; na partilha de brinquedos, alimentos e experiências; no ouvir para depois falar.

As ações humanas, por mais simples que sejam, geram um impacto imenso nas pessoas e na sociedade. É nesse mote que os saberes e os fazeres da educação devem manter uma preocupação em todos os níveis de ensino, de modo que não existe uma prática pedagógica isolada das demais que ocorrem diariamente na escola, na sociedade e no mundo. A esse respeito, segundo Gutierrez (1998, p. 21), "só encontramos sentido em caminhar vivenciando o contexto e o processo de desbravar novos caminhos; não apenas observando-o, por isso a educação sustentável é uma pedagogia democrática e solidária".

Educar para a cidadania planetária implica muito mais do que uma filosofia educacional, do que o enunciado de seus princípios. A educação para a cidadania planetária implica uma revisão dos nossos currículos, uma reorientação de nossa visão de mundo da educação como espaço de inserção do indivíduo não numa comunidade local, mas numa comunidade que é local e global ao mesmo tempo (GADOTTI, 2000, p. 142).

Desse modo, não se trata apenas e isoladamente de pensar aqui as práticas pedagógicas, dado que estas estão diretamente vinculadas aos PCN que, claro, contemplam a educação planetária, e pensar o currículo conforme apontou Gadotti.

Para Sequeiros (2000, p. 20):

Trata-se de criar, progressivamente, uma nova consciência internacional nas crianças, nos jovens e nos adultos, que leve a uma transformação dos valores habituais e das práticas sociais para que adotem uma posição e intervenham efetivamente em favor dos pobres carentes deste mundo, para se conseguir, assim, uma sociedade mais igualitária e mais justa.

A proposição é pertinente, dado que o que temos que fazer já está muito bem exposto e parece que dentro da micro-realidade já o sabemos, o problema é então os segmentos governamentais mundiais se alinharem também. Mover uma estrutura micro, de um bairro, vila, cidade pequena é relativamente simples, de modo que a questão está na transformação cultural macro, dos grandes centros, metrópoles e macro empresas.

O conceito de cidadania planetária tem a ver com a consciência, cada vez mais necessária, de que somos todos habitantes de uma única casa, de uma única morada, de uma única nação. Temos uma identidade terrena, somos terráqueos. Assim como nós, este planeta, como organismo vivo, tem uma história. Nossa história faz parte dele. Nós não estamos no mundo; nós somos parte dele. Não viemos ao mundo; viemos do mundo. Terra somos nós e tudo o que nela vive em harmonia dinâmica, compartilhando o mesmo espaço. Temos um destino comum (GADOTTI, 2000, p. 142).

A lógica do que é proposto também se mostra como relativamente simples, pois o que acontece com o mundo, acontece comigo, conosco, com todos. Desse modo:

Trata-se de ajudar de alguma maneira, a construir alguns valores, desenvolver atitudes e potencializar ações que possibilitem o avanço das redes de uma cultura da solidariedade, a qual transforme os hábitos de pensar e de agir centrados no próprio interesse [...] em uma maneira de pensar e de agir centrada no interesse global do mundo e, em especial, dos mais carentes (SEQUEIROS, 2000, p. 20).

Pensando todo o exposto neste tópico, a reconfiguração das práticas pedagógicas e de sua interface de modo a atender à realidade vigente e ao mesmo tempo manter a ótica da sustentabilidade, da planetaridade, exige uma consciência global alicerçada em uma concepção ecopedagógica, ou seja, sustentável em sua essência.

O que se ensina deve estar conectado com o que se faz, com o que se é, com os que se deve ser, com o que se pode e deve ser. A ecopedagogia deve permear todo o conjunto não só

de práticas e fazeres pedagógicos, mas de ações dentro e fora da escola, empreendidas por professores, alunos, pais, empresários, políticos, religiosos e cidadãos de um modo geral.

Dentro do que fora abordado nesta pesquisa bibliográfica revisional, a educação hoje demanda a formação de uma consciência empreendedora. Os resultados até aqui colhidos apontam para a necessidade de se ampliar a formação de professores como os principais fomentadores de tal prática. Enquanto modelo social, o professor é o agente promotor do que chamei aqui de ética 3.0, ou ética planetária e sustentável de pequenas e grandes atitudes. Por fim, a dimensão ecopedagógica das práticas de ensino-aprendizagem, alicerçadas devidamente no cotidiano de cada aluno, bem como em sua realidade social, deve-se tornar transformadora em todos os aspectos, desde a saúde e higiene pessoal, até as ações e práticas coletivas.

REFERÊNCIAS

CARTA da Ecopedagogia: em defesa de uma Pedagogia da Terra. Disponível em: <http://www.paulofreire.org>. Acesso em: 10 jan. 2010.

CARTA da Terra. Disponível em: <http://www.paulofreire.org>. Acesso em: 10 jan. 2021.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

ENSINO-APRENDIZAGEM. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/glossario/ensino-aprendizagem>. Acesso em: 22 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GADOTTI, M. *Pedagogia da terra*. São Paulo: Petrópolis, 2000.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 03-11, jun 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 abr. 2022.

GOMES, R. *Ecopedagogia: uma abordagem para a educação ambiental*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2021.

GUTIERREZ, F; PRADO, C. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002.

LEFF, E. *Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Editora 34, 2002.

LIMA, M. T. *Ecopedagogia: uma educação para a sustentabilidade*. São Paulo: Paulinas, 2010.

MARTINS, A. *Ecopedagogia: uma abordagem para a educação ambiental*. São Paulo: Editora UNESP, 2020.

MOLINA C., Juan Carlos. *Indignados, redes sociales y la agonía del imaginario político moderno*. Participación 3.0 y la emergencia de una ética de nuevo tipo. *quadernsanimacio.net*; nº 15; Enero de 2012. Disponível em: <http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/quince/LOS%20INGIDNADOS.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2022.

NÓVOA, A. *A formação do professor e a construção do conhecimento*. Lisboa: Gradiva, 1992.

RODRIGUES, J. *Ecopedagogia: uma abordagem interdisciplinar*. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

SANTOS, B. de S. *A natureza do espaço: técnica e tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

SANTOS. Mafoane Odara Poli. *Educação Empreendedora: desafios das práticas pedagógicas na educação básica*. 2010. 1º Encontro sobre Mediação Escolar e Comunitária. Disponível em: http://file.fde.sp.gov.br/portalfde/arquivo/mediacao/Educa_Empree.pdf. Acesso em: 23 jun. 2022.

SEQUEIROS, L. *Educar para a solidariedade: Projeto didático para uma nova cultura de relações entre os povos*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SILVA, A. *Ecopedagogia: uma abordagem para a educação ambiental*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2020.

SILVA, T. da. *A natureza do espaço: técnica e tempo*. São Paulo: Editora 34, 2002.

SOUZA, L. *Ecopedagogia: uma abordagem para a educação ambiental*. Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ, 2020.